

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano VI | Volume 18 | Nº 52 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.11130655>

---



## O NEGACIONISMO IDEOLÓGICO NO DISCURSO INAUGURAL DE BOLSONARO EM DAVOS (2019)

*Fábio Marques de Souza<sup>1</sup>*

*Filipe Reis Melo<sup>2</sup>*

*José Francelino Galdino Neto<sup>3</sup>*

*Silvia Garcia Nogueira<sup>4</sup>*

### Resumo

Este texto tem como objetivo analisar o discurso inaugural do presidente Jair Bolsonaro em Davos, Suíça, sob a perspectiva da análise dialógica do discurso. O método utilizado é a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, que permite entender a concepção de linguagem ideológica presente no discurso de Bolsonaro. O resultado da análise mostra que o discurso de Bolsonaro anuncia uma abordagem pragmática e desideologizada em relação às relações internacionais do Brasil, mas esconde uma ideologia implícita que valoriza a ordem e a segurança em detrimento da liberdade e dos direitos individuais. Essa ideologia tem sido refletida nas ações do governo Bolsonaro e tem gerado críticas e preocupações por parte de diversos setores da sociedade. A conclusão é que é preciso questionar as supostas verdades e valores que são defendidos por esses discursos e expor as contradições e os interesses ocultos por trás deles. Além disso, é necessário fortalecer as instituições democráticas e os mecanismos de participação popular, de forma a garantir a transparência e a accountability das decisões governamentais. O negacionismo ideológico presente no discurso de Bolsonaro pode perpetuar preconceitos e discriminações, e é importante combatê-lo para garantir uma sociedade mais justa e igualitária.

**Palavras-chave:** Análise Dialógica do Discurso; Ideologia; Política Externa Brasileira.

### Abstract

This text aims to analyze President Jair Bolsonaro's inaugural speech in Davos, Switzerland, from the perspective of dialogical discourse analysis. The method used is Bakhtin's dialogical theory, which allows us to understand the ideological language conception present in Bolsonaro's speech. The result of the analysis shows that Bolsonaro's speech heralds a pragmatic and de-ideologized approach to Brazil's international relations but conceals an implicit ideology that values order and security at the expense of freedom and individual rights. This ideology has been reflected in the actions of the Bolsonaro government and has generated criticism and concerns from various sectors of society. The conclusion is that we need to question the supposed truths and values defended by these discourses and expose the contradictions and hidden interests behind them. Furthermore, it is necessary to strengthen democratic institutions and mechanisms of popular participation to ensure transparency and governmental accountability. The ideological denial present in Bolsonaro's speech can perpetuate prejudices and discriminations, and it is important to combat it to ensure a more just and equal society.

**Keywords:** Brazilian Foreign Policy; Dialogical Discourse Analysis; Ideology.

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [fabiohispanista@servidor.uepb.edu.br](mailto:fabiohispanista@servidor.uepb.edu.br)

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Ciência Política pela Universidad de Deusto. E-mail: [filipe.reis@servidor.uepb.edu.br](mailto:filipe.reis@servidor.uepb.edu.br)

<sup>3</sup> Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: [netogaldino@servidor.uepb.edu.br](mailto:netogaldino@servidor.uepb.edu.br)

<sup>4</sup> Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [silvianogueira@servidor.uepb.edu.br](mailto:silvianogueira@servidor.uepb.edu.br)



## PALAVRAS INICIAIS

As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante de os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes (BAKHTIN, 2011, p. 290).

O discurso inaugural do então presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) no Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça), em janeiro de 2019, destacou, em determinado momento, que “nossas relações internacionais serão dinamizadas pelo ministro Ernesto Araújo, implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir”. O pronunciamento, de forma geral, foi marcado por uma abordagem pragmática e pretensamente desideologizada quanto às relações internacionais do Brasil. O presidente defendeu que as políticas públicas deveriam ser orientadas por critérios técnicos e voltadas para o desenvolvimento econômico, a segurança, a moralidade e a preservação dos valores conservadores. Ele criticou, várias vezes, a suposta influência ideológica nas decisões governamentais e prometeu uma gestão que colocasse o "Brasil acima de tudo".

É a respeito dessa fala que este estudo lança seu foco. O objetivo aqui é compreendê-la sob a perspectiva metodológica da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a partir da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2010, 2011, 2013, 2016; BRAIT, 2006a, 2006b; VOLOCHINOV, 2017). Em termos teórico-metodológicos, em sintonia com Souza, Melo e Nogueira (2023a), levamos em conta a forma dos enunciados, mas também o contexto socioideológico em que foram produzidos: as orientações analíticas consideraram, de forma integrada e simultânea, a descrição, a análise e a interpretação. Esses direcionamentos foram atravessados por três focos de estudos do campo da ADD, que se relacionaram com as relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua (DESTRI; MARCHEZAN, 2021).

O Círculo de Bakhtin concebe a linguagem como ideologia, evidenciando que, como sujeitos sociais que somos, nos filiamos às instituições, crenças e valores que nos constituem, situam-nos e demarcam-nos como sociedade. Nesse sentido, como um fenômeno de linguagem, a língua é uma prática social. O uso da língua, portanto, demanda compreendê-la em função das atividades que organizam a vida social. É, dessa forma, conforme Bakhtin (2011), dialógica por natureza, pois, para o autor, viver implica em dialogar. Compartilhamos dessa concepção acerca da língua(gem). É dela que partimos para a análise que tecemos e que justifica a opção pelo método adotado, uma vez que o consideramos como o mais adequado para a compreensão do significado de linguagem ideológica presente no discurso de Bolsonaro. Buscamos, assim, discutir a suposta abordagem pragmática e



desideologizada, do presidente do Brasil em 2019, em relação às relações internacionais do país e as suas implicações políticas.

Os efeitos dos pronunciamentos do ex-presidente ainda podem ser percebidos após o seu mandato, construindo aquilo que Silva e Bampi (2024, p. 174) denominaram “imaginário coletivo reacionário bolsonarista”. Portanto, a opção pelo tema da análise do discurso inaugural em Davos e a reflexão política crítica e dialógica empreendida conjuntamente justificam-se: (1) pela inserção da análise em um debate mais geral no que se refere aos posicionamentos adotados por governos brasileiros em fóruns internacionais; (2) pela contribuição que pode trazer para os estudos sobre os processos de construção cognitiva coletiva em torno de ideologias específicas que envolvem estratégias discursivas interessadas de agentes políticos; e (3) pela ampliação metodológica que pode gerar no campo das Relações Internacionais com a utilização da ADD e da produção intelectual do Círculo de Bakhtin em análises de discursos políticos.

A partir dessas questões, delineiam-se como perguntas orientadoras deste estudo:

- 1) Como a análise do discurso inaugural de Bolsonaro em Davos, à luz da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, revela aspectos ideológicos e pragmáticos subjacentes que podem, discursivamente, influenciar as percepções internacionais a respeito do Brasil?
- 2) Qual é o papel da análise da língua(gem), via prática discursiva, na construção e na perpetuação de ideologias políticas, e como a ADD pode contribuir para uma compreensão mais profunda das estratégias discursivas adotadas por agentes políticos em contextos internacionais?

Com vistas a tecer as possíveis respostas para tais perguntas, este texto está organizado em três seções, precedidas por essas palavras iniciais, introdutórias. A primeira detalha a metodologia utilizada na análise do discurso inaugural de Bolsonaro em Davos, informando, mais aprofundadamente, a respeito da ADD, os procedimentos relativos à coleta, ao levantamento e à análise dos dados. A segunda traz a análise dos dados coletados com a respectiva discussão dos resultados encontrados bem como as suas possíveis repercussões no âmbito internacional no que tange ao negacionismo como estratégia discursiva e governamental relacionada à COVID-19 e à política do meio ambiente, dentre outras pautas. Por fim, são apresentadas as considerações (não) finais.

## DA FORMA DE TECER A NOSSA ANÁLISE

Em relação à metodologia adotada para a realização da pesquisa que deu origem a este estudo, do ponto de vista da sua natureza ou finalidade, foi uma investigação teórico-político-ideológica. No que



se refere à forma de abordagem do “problema”, tratou-se de uma pesquisa qualitativa. No que diz respeito aos procedimentos técnicos, foi uma pesquisa de cunho documental. Bakhtin (2011) destaca a importância do texto como ponto de partida para qualquer pesquisa ou pensamento. Para o pensador russo, o texto é a realidade imediata, ou seja, é a forma como a realidade se apresenta para nós na e pela linguagem. Portanto, não é possível estudar ou refletir a respeito da realidade sem recorrer ao texto (considerado aqui em seu sentido amplo), já que é por meio dele que construímos e comunicamos nossas ideias e interpretações. O filósofo argumenta que o objeto de pesquisa e pensamento só pode existir onde há texto, ou seja, onde há linguagem sendo utilizada para expressar ideias e conceitos. Assim, a análise do texto é fundamental para compreender e interpretar a realidade à nossa volta.

Neste ensejo, o corpus utilizado é a transcrição do discurso do então presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a sessão plenária do Fórum Econômico Mundial, em Davos, realizada em 22 de janeiro de 2019. Conforme nos alerta Volóchinov (2019), na vida, o discurso verbal é claramente não autossuficiente, ele é originado de uma situação prática não verbal, mantendo uma conexão estreita com essa situação. Além disso, um enunciado está diretamente ligado à vida em si e não pode ser separado dela sem perder seu significado. Considerado isoladamente como um fenômeno linguístico, o discurso verbal não pode ser verdadeiro ou falso, corajoso ou tímido. Dessa forma, esse pronunciamento oficial da Política Externa Brasileira (PEB) só pode ser analisado se encarado como Enunciado Concreto, à luz da Análise Dialógica do Discurso (ADD), a partir dos conceitos e fundamentos do Círculo de Bakhtin, levando em conta a forma, mas também o contexto socioideológico em que foi produzido, esforço empreendido no desenvolvimento desta investigação.

A ADD é uma metodologia que se baseia nos conceitos e nas abordagens do Círculo de Bakhtin e busca compreender as relações dialógicas e interativas entre os interlocutores e como essas relações são mediadas na e pela linguagem. A ADD é útil para compreender as relações entre o Brasil e outros países, bem como as posições ideológicas e interesses envolvidos nas negociações internacionais no contexto da PEB.

Na ADD, o enunciado concreto é a unidade real de comunicação discursiva, nem sempre entendida como consenso, mas composta por palavras e contrapalavras, pontos e contrapontos, como bem explicita Volóchinov (2017): de fato, todo discurso real, de uma maneira ou de outra, concorda ou discorda de algo em maior ou menor grau. Os contextos não existem de forma isolada, ignorando um ao outro, mas estão constantemente interagindo e confrontando-se num estado de tensão contínua.

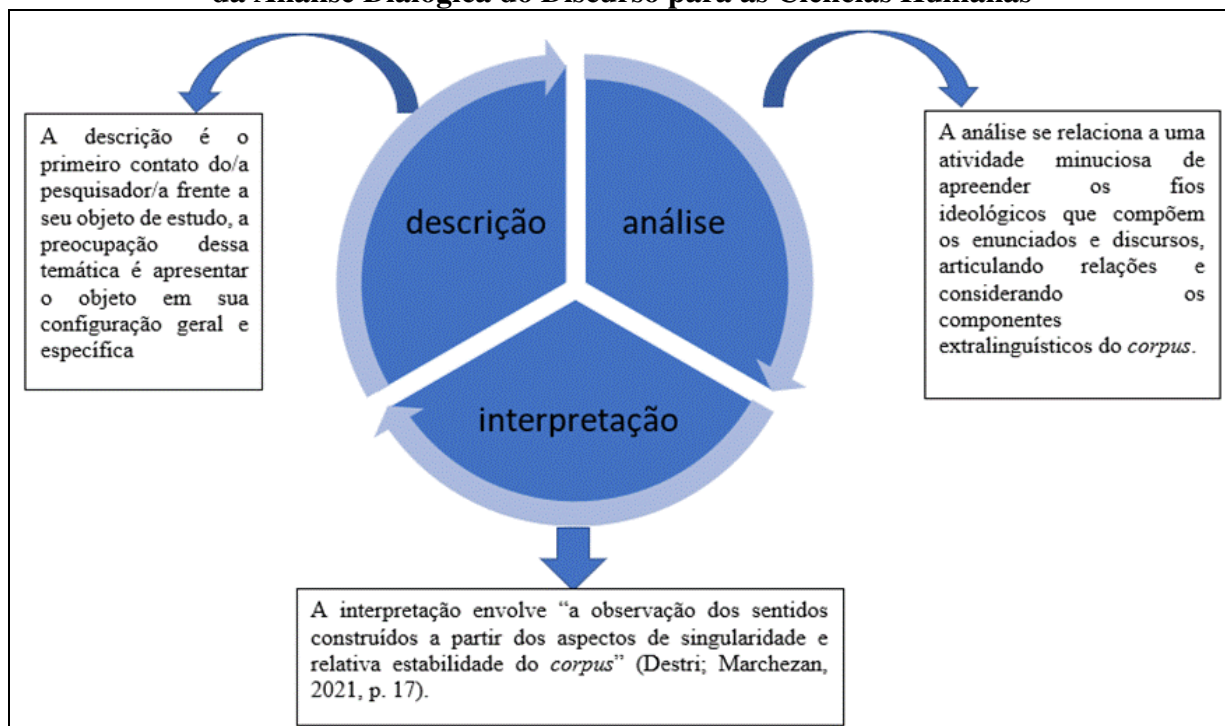
Dessa forma, a elucidação de Volóchinov (2017) permite à ADD tomar como parte inicial da análise o enunciado concreto para chegar a um produto, tendo sempre a não fixidez e a antigeneralização como consciência de trabalho. Tal posicionamento permite considerarmos o Círculo



de Bakhtin como ADD exatamente para distingui-lo de outros pensadores de outras perspectivas teóricas (como as linhas francesas de Análise do Discurso, por exemplo), sem apagar a singularidade de suas posições teóricas. Essa distinção acontece, em especial, para não haver uma “[...] homogeneização que, nas palavras de Courtine, ‘amalgama, neutraliza e torna indistinguível sob uma etiqueta consensual posições teóricas contraditórias’” (GREGOLIN, 2006, p. 47).

A metodologia dos estudos dialógicos do discurso vai na contramão de perspectivas teórico-metodológicas lineares ou fechadas em si, que tomam como base o referencial teórico estruturalista do âmbito da análise do discurso. Para Destri e Marchezan (2021, p. 4), “a relação do pesquisador com o objeto é permeada pelo seu horizonte avaliativo. Diante dele, o pesquisador é um outro não neutro que entra em diálogo com os discursos observados e com os discursos anteriormente produzidos sobre o objeto”. As autoras realizaram uma revisão sistemática integrativa de literatura a respeito das contribuições teórico-metodológicas do campo da ADD para o âmbito das ciências humanas e apresentaram três orientações analíticas, a saber: a descrição, a análise e a interpretação. Esses direcionamentos são atravessados por três focos de estudos do campo da ADD, que se relacionam com as relações dialógicas, gêneros do discurso e formas da língua.

**Figura 1 - Contribuições teórico-metodológicas da Análise Dialógica do Discurso para as Ciências Humanas**



Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Destri; Marchezan (2021).



Essas propostas analíticas são complementares entre si e inseparáveis. A figura 1 explora essa relação cíclica entre as atividades analíticas, não podendo ser pensadas em formas de etapas. Por isso, a divisão posta pelas autoras e expressada na figura almeja apenas apresentar de maneira mais didática. Enxergar essas propostas analíticas em forma de etapas tornam o processo analítico mecânico, o que descaracteriza a dimensão dialógica desta análise do discurso. A descrição é o primeiro contato do pesquisador frente a seu objeto de estudo. A preocupação dessa temática é apresentar o objeto em sua configuração geral e específica. Dessa forma, esse momento deve estar atento às esferas de produção, de circulação e de recepção dos enunciados concretos que englobam o corpus do estudo.

A análise se relaciona a uma atividade minuciosa de apreender os fios ideológicos que compõem os enunciados e os discursos, articulando relações e considerando os componentes extralinguísticos do corpus. Esse processo diz respeito a enxergar o objeto na posição de desconhecido e a sua compreensão exige, inevitavelmente, considerar outras vozes que podem construir o aprofundamento reflexivo do objeto estudado, o que conflui para aquilo que Geraldini (2012) defende como cotejo: para a compreensão de um enunciado existe a necessidade de o pesquisador recorrer a outros textos. Isso envolve pensar o objeto como dinâmico e perspectivar uma análise de processo e não de produto.

A interpretação envolve a observação dos sentidos construídos a partir dos aspectos de singularidade e relativa estabilidade do corpus. Esse ato valoriza a singularidade do olhar interpretativo do pesquisador frente à relativa estabilidade do corpus construído. A relativa estabilidade direciona o pesquisador a observar “padrões linguístico-discursivos, ao ser observada e analisada, pode ser, por fim, interpretada em seu caráter genérico, com todos os elementos analíticos já produzidos engajados” (DESTRI; MARCHEZAN, 2021, p. 18).

Nesta perspectiva, a estabilidade e a singularidade são dimensões que colaboram com uma abordagem analítica que valoriza a unicidade do objeto, pois, na análise bakhtiniana, os elementos relacionados à estabilidade e à singularidade trabalham em conjunto para construir significados. Na ADD, examina-se a relação entre os aspectos específicos e os aspectos generalizáveis do objeto, entre o que é repetível e o que não o é, como duas dimensões importantes que contribuem para uma perspectiva analítica que valoriza a unicidade do objeto de análise. Na ADD, o objeto de análise é visto como um discurso situado num contexto histórico, social e cultural específico. A estabilidade refere-se aos elementos que são mais recorrentes e comuns no discurso, enquanto a singularidade se refere aos elementos que são mais únicos e distintos. Dito de outra forma, a ADD se preocupa em entender como os elementos que são estáveis e generalizáveis (repetíveis) e os elementos que são singulares e não generalizáveis (não repetíveis) interagem na formação de sentidos no discurso.



## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Ao destacar que será implementada uma política externa isenta de ideologia, surgem diversos questionamentos que merecem ser explorados. Por exemplo, qual ideologia está implícita neste discurso de aparente isenção ideológica? Além disso, é possível que existam não ditos por trás do que foi expresso pelo presidente Bolsonaro em Davos. É importante, ainda, destacar que a fala do presidente sugere a possibilidade de adotar uma abordagem mais pragmática e menos ideológica no que diz respeito às relações internacionais do Brasil.

Ao proferir tal afirmação, o então presidente sugere a adoção de uma abordagem nas decisões e parcerias internacionais que seja baseada em interesses mútuos e objetivos concretos, em vez de afinidades ideológicas. Esse posicionamento pode ser interpretado como uma discordância em relação à política externa adotada pelo governo anterior, liderado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil, com a presidência de Dilma Rousseff (2011-2016) e, anteriormente, de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), que frequentemente foi objeto de críticas por adotar uma postura ideológica em suas relações internacionais, favorecendo países de esquerda em detrimento de países conservadores. Durante o período de governança do PT, houve críticas de que a PEB favorecia países de esquerda em detrimento de países considerados conservadores. Alguns exemplos de países de esquerda que foram frequentemente mencionados como beneficiados pela gestão do PT incluem: i) Venezuela: o governo brasileiro manteve relações próximas com o regime do então presidente venezuelano, Hugo Chávez, e posteriormente com Nicolás Maduro. Essas relações foram alvo de críticas por parte de grupos que se opunham ao governo do PT; ii) Cuba: o governo brasileiro desenvolveu laços estreitos com o regime cubano, incluindo parcerias comerciais e programas de cooperação em áreas como saúde e educação. Essas relações também foram alvo de críticas, especialmente de setores mais conservadores; iii) Bolívia: durante o governo do PT, o Brasil manteve uma relação próxima com o governo do então presidente boliviano, Evo Morales, que era considerado um líder de esquerda. Essa proximidade também foi alvo de críticas, principalmente devido a questões relacionadas à política energética e ao setor de hidrocarbonetos. É importante destacar que o presidente Bolsonaro optou por alinhar-se ideologicamente ao governo Trump, dos Estados Unidos (VALLS PEREIRA, HIRST, 2022), sem que tal alinhamento tenha resultado em qualquer contrapartida para o Brasil:

No período de Araújo, o Brasil também prorrogou a isenção do imposto de importação sobre o etanol americano e estendeu, sem contrapartida, a isenção de visto para cidadãos dos Estados Unidos. Já Trump, preocupado com a reeleição, agiu na contramão e anunciou barreiras ao aço brasileiro. (...) O alinhamento deliberado a Trump também representou um princípio de crise diplomática com a China. Já nos primeiros meses de governo, Araújo chegou a dizer que o Brasil 'não iria vender sua alma para exportar soja e minério de ferro'. O então chanceler também fez o



possível para atender os interesses americanos e impor restrições aos asiáticos no leilão da tecnologia 5G de telefonia móvel. Bolsonaro acabou sendo convencido a não ir adiante (CAMAROTTO, 2022).

Retomando a análise do pronunciamento de Bolsonaro em Davos, é importante ressaltar que a frase em si é um pouco contraditória e não deixa clara como exatamente a política externa será dinamizada. Além disso, o próprio Bolsonaro tem uma posição ideológica clara, o que pode ser um obstáculo para a efetiva implementação de uma política externa pragmática e desideologizada que sabemos ser impossível, já que toda política se inscreve em determinada linha ideológica. Além de que, a linguagem nunca é neutra, nunca é objetiva. Muito menos inocente. Toda linguagem carrega as suas próprias bagagens e conotações (DÍAZ-CABAL, 2023).

Uma política externa pragmática e desideologizada se baseia (ou deveria se basear) na busca de interesses nacionais concretos e objetivos tangíveis, em vez de ser guiada principalmente por afinidades ideológicas. Nesse contexto, a abordagem pragmática visa estabelecer relações e parcerias com base em benefícios mútuos, considerando os aspectos econômicos, comerciais e estratégicos. Uma política externa pragmática e desideologizada busca priorizar os interesses do país, avaliando as oportunidades e desafios presentes no cenário internacional de maneira objetiva e racional. Isso implica em colocar de lado uma postura ideológica rígida que pode influenciar negativamente as relações com outros países.

No caso específico do pronunciamento de Bolsonaro em Davos, em 2019, ao mencionar a adoção de uma política externa pragmática e desideologizada, o presidente sugere que o Brasil buscará parcerias e relações comerciais com base em critérios econômicos e de interesse nacional, em vez de ser guiado por preferências ideológicas. Essa postura busca estabelecer relações com uma gama mais ampla de países, independentemente de sua orientação política, desde que haja vantagens claras para o Brasil. É importante ressaltar que, na prática, é impossível alcançar uma completa ausência de ideologia na política externa, uma vez que os valores e interesses de um país são moldados por suas convicções políticas e ideológicas.

Na declaração, o enunciador sugere que sua abordagem será livre de qualquer ideologia política ou partidária, buscando uma postura imparcial e objetiva. No entanto, essa afirmação pode esconder uma ideologia subjacente, especialmente se considerarmos o cronotopo (contexto político, social e econômico) em que ela é enunciada. Por exemplo, uma possível ideologia que poderia estar oculta nas entrelinhas deste discurso é o neoliberalismo, que promove uma economia de mercado livre, desregulamentação e privatização. Uma abordagem internacional que não leve em consideração as questões políticas e sociais subjacentes, mas apenas as forças de mercado, pode ser vista como uma postura neoliberal.



Além disso, ao tecer o pronunciamento, o enunciador pode estar ignorando ou minimizando questões políticas e sociais importantes que afetam as relações internacionais, como a desigualdade, a discriminação, a opressão e a violência. Ao não levar em conta esses fatores, uma política internacional supostamente "isenta de ideologia" pode perpetuar ou mesmo agravar essas questões.

No que diz respeito ao negacionismo, quando o chefe de Estado enuncia, num evento internacional, que as “nossas relações internacionais serão dinamizadas pelo ministro Ernesto Araújo, implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir”, é possível se questionar quais seriam as ideologias ocultadas por trás do discurso de isenção ideológica? O então presidente do Brasil se coloca no lugar de enunciador de um discurso que advoga por uma Política Externa Brasileira (PEB) isenta de ideologia. Porém, sabemos que isso é impossível.

Nosso próprio presidente, a partir de seu nascimento social, é – por si só – socioideológico. Bakhtin (2006, p. 11) nos apresenta que todo homem passa por dois nascimentos: um físico e outro social. Para o filósofo, “o indivíduo humano só se torna historicamente real e culturalmente produtivo como parte do todo social”. O pensador russo argumenta que nascer fisicamente não é o suficiente para fazer parte da história: “o homem não nasce como organismo biológico abstrato, mas como fazendeiro ou camponês, burguês ou proletário: isto é o primordial” (BAKHTIN, 2006, p. 11). Assim sendo, é necessário algo como um segundo nascimento, um nascimento social: “ele nasce como russo ou francês e, por último, nasce em 1800 ou 1900. Só essa localização social e histórica do homem o torna real e lhe determina o conteúdo de criação da vida e da cultura” (BAKHTIN, 2006, p. 11).

Neste sentido, Volóchinov (2017, p. 58) complementa:

o indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos e, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico.

Sabe-se, com Bakhtin e o Círculo, que todo signo é ideológico: “seu lugar de constituição e de materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas” (MIOTELLO, 2017, p. 170). Neste sentido, Miotello (2017) argumenta que “o ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio historicamente”.

Ao optar pelo negacionismo, o presidente nega a realidade com o objetivo de valorar ideologia como algo negativo e não como elemento constituinte das relações sociais. Afirmar que a PEB do seu governo não será ideológica, implica dizer que a dos governos anteriores assim o eram e que isso era ruim. Na relação entre a ideologia e a linguagem se dá a postulação axiológica dos discursos, razão pela qual não percebemos qualquer tipo de neutralidade discursiva, porque o que se verifica é seu oposto, ou



seja, na língua, no seu plano discursivo, o que se tem é um posicionamento social por meio da materialização do plano discursivo, dimensão em que podemos avaliar as concepções de mundo envolvidas por meio da análise crítica, o que vimos executando até o presente.

Faraco (2009), leitor brasileiro do Círculo de Bakhtin, ressalta que todos os enunciados são considerados ideológicos, ou seja, não existe um enunciado que não seja influenciado por uma ideologia. Essa ideologia pode estar presente em diferentes esferas e o enunciado sempre expressará uma posição avaliativa. A respeito dessa temática, O Círculo de Bakhtin explica a forma como se dá valoração ideológica por meio da operacionalidade da língua:

Cumpra ainda acrescentar aqui uma observação extremamente importante: a consciência linguística dos sujeitos falantes não tem o que fazer com a forma linguística enquanto tal, nem com a própria língua como tal. De fato, a forma linguística, como acabamos de mostrar, sempre se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (VOLÓCHINOV, 2017, p. 96).

Ao enunciar, no pronunciamento em Davos, que na PEB do seu governo, a partir do Ministro Araújo, seria isenta de viés ideológico, Bolsonaro dialogou com sua compreensão particular e própria do termo ideologia: durante o seu governo, o ex-presidente frequentemente teceu críticas ao que ele chamou de "ideologia" ou "ideologia de esquerda". Sua concepção sobre o termo foi geralmente associada a uma visão negativa, na qual ele argumenta que certas ideologias políticas têm influenciado negativamente a sociedade brasileira, promovendo uma agenda que, segundo ele, seria contrária aos valores conservadores e nacionalistas. O ex-presidente costumou criticar ideologias como o marxismo, o comunismo, o socialismo e o progressismo, considerando-as responsáveis por problemas sociais, econômicos e morais no Brasil. Diversas vezes, ele afirmou que essas ideologias teriam dominado instituições como a educação, a cultura, a imprensa e os órgãos estatais, e que isso teria levado a um enfraquecimento dos valores tradicionais e à promoção de pautas que ele considera contrárias aos interesses da nação.

O então presidente defendeu uma abordagem pragmática e desideologizada, na qual as políticas públicas seriam orientadas por critérios técnicos e voltadas para o desenvolvimento econômico, a segurança, a moralidade e a preservação dos valores conservadores, criticou várias vezes a suposta influência ideológica nas decisões governamentais e prometeu uma gestão que colocasse o "Brasil acima de tudo". Aquilo que seria da ordem natural do uso da linguagem: a de ser ideológica por natureza, foi



colocado numa esfera semântica que sugerisse, por exemplo, a sociedade entender o ideológico como algo errôneo e prejudicial, que fere a princípios de correção e ética. A concepção de linguagem enquanto ideológica evidencia que, como sujeitos sociais que somos, nos filiamos às instituições, crenças e valores que nos constituem, nos situam e nos demarcam em sociedade.

O conceito de ideologia é abordado de maneiras distintas pelo Círculo de Bakhtin e para pensadores brasileiros contemporâneos como Lilia Schwarcz e Marilena Chauí em contraposição à Bolsonaro. Enquanto o Círculo de Bakhtin, Lilia Schwarcz e Marilena Chauí apresentam perspectivas mais críticas e complexas sobre a ideologia, Bolsonaro parece ter uma visão simplificada e reducionista. Para o Círculo de Bakhtin, a ideologia é compreendida como um fenômeno social e discursivo. Eles destacam a natureza dialógica da linguagem, em que os significados e sentidos são construídos nas interações sociais e nos diferentes contextos em que ocorrem. Nessa perspectiva, a ideologia está relacionada aos valores, crenças e visões de mundo que são transmitidos e negociados por meio da linguagem. A ideologia é entendida como uma construção social que reflete a diversidade de vozes e discursos presentes na sociedade.

Schwarcz (1993; 1996; 1998), em suas análises sobre a história e a sociedade brasileira, aborda a ideologia como um conjunto de ideias e representações que moldam as percepções e as relações de poder em determinado contexto. Ela examina como a ideologia influencia a construção de identidades, a hierarquia social e as desigualdades estruturais. Schwarcz considera importante analisar as ideologias presentes na sociedade, questionar seus fundamentos e compreender como elas operam para perpetuar relações de dominação ou resistência. Chauí (2014; 2016), por sua vez, destaca que a ideologia está presente em todas as dimensões da vida social, desde a política até a cultura, a religião e a educação. Ela argumenta que a ideologia não se restringe apenas a uma falsa consciência, mas também engloba uma forma de pensar, de perceber e de agir que é influenciada pelas estruturas de poder. Chauí enfatiza a importância de desvelar as ideologias presentes na sociedade para compreender as relações de dominação e opressão, bem como para promover a transformação social.

Em contrapartida, Bolsonaro parece adotar uma visão simplista e reducionista do conceito de ideologia. Ele frequentemente utiliza o termo "ideologia" de forma pejorativa, associando-o a uma suposta manipulação da realidade e a um conjunto de ideias que considera contrárias aos seus próprios valores e interesses. No entanto, sua abordagem parece ignorar a complexidade e a influência das ideologias na sociedade, reduzindo o conceito a uma dicotomia simplista de "nós versus eles". Essas diferentes perspectivas sobre o conceito de ideologia refletem abordagens teóricas e políticas distintas. Enquanto o Círculo de Bakhtin, Lilia Schwarcz e Marilena Chauí apresentam análises críticas e contextualizadas, buscando compreender as relações de poder e as formas de dominação presentes na



sociedade, Bolsonaro parece adotar uma postura mais simplista e polarizada, limitando a discussão sobre ideologia a um embate ideológico superficial.

Bolsonaro e seus apoiadores criticaram severamente, por exemplo, as políticas de expansão educacional, em nível superior e técnico-profissionalizante, fortemente presentes nos governos Lula (2003 – 2010) e Dilma Rousseff (2011 - 2016), bem como disseminaram a concepção de que a educação não abriria mais espaço ao que eles denominaram “ideologia de gênero” (SOUZA *et al.*, 2020). A PEB, neste contexto, situa-se em um afã que tenta apresentar-se em uma vã neutralidade, o que de fato só acentua seu posicionamento na medida em que se esforça por se dissimular como não posicionada com certo conjunto valorativo de mundo e da própria forma de conceber a relação entre pessoas e povos. Lima (2019) apresenta:

[...] desarticula-se a ideia da neutralidade do enunciado, já que a tentativa de instaurar um discurso neutro é também uma posição avaliativa que serve às classes dominantes, com o objetivo de assegurar um sentido específico e determinado às palavras (LIMA, 2019, p. 45).

O negacionismo difundido a partir de enunciados concretos é feito a partir de um locus ancorado no tempo e no espaço (cronotopo), de forma a valorar determinado ponto de vista. Ou seja, trata-se de um discurso determinado pela ideologia. Acreditamos que o enunciatador até pode ter em mente ser impossível um discurso isento ideologicamente, mas busca filiar-se ao campo comunicativo dos seus eleitores:

Como sentiam-se oprimidos por conceitos que não compreendiam, os bolsonaristas descobriram que poderiam dar às palavras o significado que lhes conviesse porque o grupo os respaldaria. E, graças às redes sociais, o grupo os respalda. O significado das palavras é dado pelo número de “curtir” nas redes sociais. Esvaziadas de conteúdo, história e consenso, esvaziadas até mesmo das contradições e das disputas, as palavras se tornaram gritos, força bruta” (BRUM, 2019).

Brum (2019) argumenta que os apoiadores de Bolsonaro, sentindo-se inadequados diante da elite acadêmica que os desprezava, encontraram seus próprios intelectuais e foram acolhidos por eles. Olavo de Carvalho (1947-2022) é um exemplo disso, tendo se tornado um autor popular (best-seller) e exercendo seu autodenominado "anarquismo" de forma intrigante. Olavo Luiz Pimentel de Carvalho (1947-2022), escritor e polemista brasileiro, atuou como jornalista e astrólogo. Representante intelectual do conservadorismo no Brasil, considerado uma influência na extrema-direita brasileira. Ficou conhecido por sua rejeição ao "politicamente correto", suas teorias conspiratórias e informações incorretas foram amplamente divulgadas em suas publicações. Embora tenha alcançado sucesso de vendas em suas obras como, por exemplo "O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota"



(RECORD, 2013), que segundo a Amazon vendeu mais de 150 mil exemplares no Brasil, elas não tiveram impacto no meio acadêmico (SZWAKO.; RATTON, 2022).

Embora Bolsonaro promova a "transformação", sua eleição se baseia na ilusão de um retorno ao passado. A jornalista e ativista destaca que a equipe Bolsonaro construiu consensos com os seus eleitores "prometendo" o passaporte de volta para o paraíso perdido: "Essa 'nova direita' compreende muito bem os anseios de uma parcela dos homens desesperados desse tempo". Na busca por filiar-se aos campos da comunicação discursiva daqueles que o elegeram, (re) produzindo uma visão que satisfizesse aos "anseios" dos seus eleitores, "os privilégios perdidos foram tachados de 'ideologia'":

Aqueles que ideologizam tudo, até mesmo a orientação sexual e a religião alheias, culpam a ideologia por tudo. Se não gostam dos fatos, como o aquecimento global, convertem-nos em "ideologia marxista". Transformam "politicamente correto" num palavrão. Qualquer limite se torna uma afronta à liberdade, em especial a liberdade de ser violento. Chamam todos aqueles que apontam a necessidade de limites de "comunistas" ou "esquerdistas", como se ambas as palavras significassem uma espécie de pecado capital (BRUM, 2019).

Dessa forma, na busca por filiar-se aos campos discursivos e ideológicos daqueles que o elegeram, Bolsonaro promete o impossível: uma PEB divorciada de ideologias. Para isso, o chefe de Estado lança mão do negacionismo que, nos dias de hoje, se converteu em "uma modalidade discursiva, um modo de representação do passado e de percepção do presente" (ROUSSO, 2020, p. xiii).

O termo "negacionismo" se refere à prática de negar ou minimizar fatos históricos, científicos ou políticos comprovados, e tem sido cada vez mais presente no discurso político mundial. No caso específico do nosso país, o negacionismo tem se manifestado em diversas áreas, como comprova o Dicionário dos Negacionismos no Brasil (SZWAKO; RATTON, 2022) e, em nossa pesquisa, incluímos a política externa.

Expressões destacadas dessa combinação de promessa de ordem e permanente produção do caos são os vários negacionismos que caracterizam a atuação de Bolsonaro. Negacionismo dos horrores da ditadura militar, da objetividade científica e jornalística, da confiabilidade das urnas eletrônicas de votação, da eficácia das vacinas e do distanciamento social contra a COVID-19, entre tantos outros. Bolsonaro abre 'nega' tudo o que faz parte do 'sistema', e o 'sistema', por sua vez, engloba todas as instituições: a mídia, a ciência e a tecnologia, a política, e assim por diante (NOBRE, 2022, p. 60).

Nobre (2022) adverte que não se deve interpretar os negacionismos de Bolsonaro como uma rejeição total da institucionalidade, e que também não é útil pensar que a simples "negação do negacionismo" é uma estratégia eficaz para combater o bolsonarismo. O autor argumenta que seria um



equivoco acreditar que é possível e desejável retornar à situação anterior às revoltas de junho de 2013, quando as fraturas expostas da democracia brasileira foram reveladas.

O negacionismo bolsonarista pretende buscar e mesmo dispor da ‘autêntica ciência’, da ‘verdadeira objetividade factual’, da ‘boa política’, e assim por diante. Os negacionismos de Bolsonaro não se voltam contra essas instituições enquanto tais, mas contra a suposta perversão delas. (...). A democracia ela mesma seria a perversão, a origem e causa de todas as demais perversões. E, como tal, deveria ser, ela também, eliminada (NOBRE, 2022, p. 60).

Diante do objetivo, neste texto, de analisar os fios ideológicos que constituem, discursivamente (ou política discursiva), o enunciado “nossas relações internacionais serão dinamizadas (...) implementando uma política na qual o viés ideológico deixará de existir” e, portanto, compreender o negacionismo como uma estratégia discursiva da PEB, não damos conta, neste trabalho, em explorar as possíveis implicações políticas e diplomáticas do uso de discursos negacionistas no cenário internacional, mas sabemos que isso pode afetar as relações do país com outros atores internacionais.

Trabalhos como o dossiê organizado por Valim, Avelar e Bevernage (2021, p. 14) apontam perspectivas de pesquisa a respeito do negacionismo a partir da História e da Historiografia. Os autores historicizam o fenômeno do negacionismo, ao longo do tempo, “destacando suas permanências, tensões, cisões e rupturas” e alertam estarmos diante de “um processo em movimento, em contínua reconfiguração” e que tem assumido, em diversos lugares “os contornos de uma forma específica – negacionista - de governamentalidade da vida política”.

Parece-nos adequado pensar o negacionismo histórico como o elemento estruturante de uma certa governamentalidade contemporânea, compreendida, em termos foucaultianos, como um conjunto de instituições, procedimentos, análises e táticas que adquirem sentido e forma quando articuladas pelo negacionismo histórico” (VALIM; AVELAR, 2020).

Dado que a nossa relação com o mundo não é direta, mas mediada na e pela linguagem, torna-se fundamental analisar os pronunciamentos oficiais como forma de compreender os discursos da PEB. O corpus de pesquisa (SOUZA, MELO, NOGUEIRA, 2023b) do qual este estudo apresenta um recorte tem diversos excertos que podem ser apresentados como exemplos negacionismo (ideológico) no discurso da PEB de 2019, nos quais o que seria normal do uso da linguagem, ser ideológica por natureza, é colocado numa esfera semântica que negativa o conceito de ideológico, como se fosse algo errôneo e prejudicial, que fere a princípios de correção e ética.

[...] a forma linguística é dada ao falante (...) apenas no contexto de certos enunciados e, portanto, apenas em um determinado contexto ideológico. Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mau, relevante ou



irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meio da ideologia ou do cotidiano (...) A língua no processo de sua realização prática não pode ser separada do seu conteúdo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017, p. 181).

A prática negacionista de Jair Bolsonaro não é uma exclusividade do discurso proferido em Davos. Nascimento *et al.* (2018), bem como Silva (2024) destacam ser impossível dissociar a persona política do presidente do negacionismo/revisionismo ideológico da ditadura brasileira. Valim, Avelar e Bevernage (2021, p. 25) acrescentam que o negacionismo do governo foi, de forma trágica, espetacularizado ao longo da pandemia do COVID-19, dando forma a uma “lógica de negação que antecede e extrapola a dimensão sanitária e se realiza, em nosso tempo presente, sob a forma de uma governamentalidade”, compreendida por Valim e Avelar (2020) como “um conjunto de instituições, procedimentos, análises, e táticas que adquirem sentido e forma quando articulados pelo negacionismo histórico”.

A Organização Mundial de Saúde – OMS, em 12 de março de 2020, fez saber a todas as civilizações do planeta que, coletivamente, vivia-se uma pandemia denominada de “Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2” (SARS-CoV-2). A doença trouxe o maior problema de saúde pública no mundo atual e seus reflexos foram percebidos em todas as áreas da sociedade. O novo coronavírus desencadeou uma crise multidimensional, de ampla envergadura sanitária, humanitária, política, econômica e educacional (BRENNAND, 2022).

No campo das mudanças climáticas e em relação à pandemia de COVID-19 o discurso negacionista de Bolsonaro apresentou várias ameaças para a PEB. Algumas delas incluíram:

- i) Isolamento diplomático: Bolsonaro enfrentou críticas internacionais por sua postura em relação à pandemia e ao meio ambiente, o que em alguns momentos representou no isolamento diplomático em relação a outros países que levavam essas questões mais a sério (SARAIVA; SILVA, 2019; HIRST; MACIEL, 2022).
- ii) Atraso na agenda ambiental: a postura negacionista do governo Bolsonaro em relação às mudanças climáticas atrasou a agenda ambiental do Brasil no cenário internacional, comprometendo acordos internacionais e negociações futuras (HIRST; MACIEL, 2022).
- iii) Prejuízos econômicos: a imagem do Brasil ficou prejudicada no mercado internacional, já que a postura negacionista do governo afetou a confiança de investidores e parceiros comerciais em relação ao país (BARROS, 2020).
- iv) Dificuldades na cooperação internacional: a postura negacionista de Bolsonaro dificultou a cooperação internacional em áreas como a saúde pública e o meio ambiente, prejudicando o país em relação a iniciativas conjuntas de combate a crises globais (HIRST; MACIEL, 2022).
- v) Fragilização da imagem internacional do Brasil: a postura negacionista de Bolsonaro fragilizou a imagem do Brasil no cenário internacional, prejudicando a capacidade do país de influenciar decisões importantes em fóruns internacionais e reduzindo sua relevância geopolítica (BARROS, 2020; HIRST; MACIEL, 2022).



O discurso de Bolsonaro em Davos foi uma tentativa de se distanciar da política externa adotada pelo governo anterior, que era mais voltada para a integração regional e a cooperação Sul-Sul. O presidente defendeu uma abordagem mais pragmática e menos ideológica, que priorizasse as relações comerciais e a atração de investimentos estrangeiros para o país. Ele também criticou a suposta influência ideológica nas decisões governamentais e prometeu uma gestão que colocasse o "Brasil acima de tudo".

No entanto, essa abordagem aparentemente desideologizada esconde uma ideologia implícita, que pode ser identificada a partir de uma análise mais aprofundada do discurso de Bolsonaro e de suas ações como presidente. O presidente foi criticado por suas posições negacionistas em relação a questões como a pandemia de COVID-19 (MACÊDO JÚNIOR *et al.*, 2023), as mudanças climáticas e a ditadura militar no Brasil (SILVA, 2024). Essas posições refletem uma visão de mundo conservadora e autoritária, que valoriza a ordem e a segurança em detrimento da liberdade e dos direitos individuais.

Além disso, a política externa adotada pelo governo Bolsonaro foi marcada por uma postura antiglobalista e de confronto com outros países e organizações internacionais. O ex-chanceler Ernesto Araújo (2019-2021), que liderou a agenda antiglobalista do governo, foi responsável por rebaixar o Brasil a pária internacional, posição da qual ele próprio disse ter orgulho.

Essa postura gerou críticas e preocupações por parte de diversos setores da sociedade brasileira e internacional, que temeram os efeitos negativos dessa abordagem para a economia e a imagem do país no cenário internacional. Diante desse contexto, é importante refletir sobre as implicações do negacionismo e da ideologia implícita no discurso de Bolsonaro para a democracia e os direitos humanos no Brasil.

Nobre (2022) faz um alerta contra a interpretação de que os negacionismos de Bolsonaro representam uma completa rejeição da institucionalidade, enfatizando que também não é produtivo considerar que simplesmente "negar o negacionismo" seja uma estratégia eficaz para combater o bolsonarismo. O autor sustenta que seria equivocado pensar que é viável ou desejável retornar ao estado anterior às manifestações de junho de 2013, quando as divisões expostas na democracia brasileira se tornaram evidentes.

Em vez disso, é necessário reconhecer a complexidade do fenômeno do bolsonarismo e buscar estratégias mais eficazes para enfrentá-lo. Uma dessas estratégias pode ser a análise crítica do discurso e da ideologia implícita no discurso de Bolsonaro e de seus apoiadores. É preciso questionar as supostas verdades e valores que são defendidos por esses discursos e expor as contradições e os interesses ocultos por trás deles. Além disso, é necessário fortalecer as instituições democráticas e os mecanismos de



participação popular, de forma a garantir a transparência e a accountability das decisões governamentais.

## PALAVRAS (NÃO) FINAIS

A epígrafe de Mikhail Bakhtin que abriu este estudo e foi explorada ao longo de todo o texto reflete a sua perspectiva sobre a natureza das palavras e sua relação com os indivíduos que as utilizam. Ao enunciar que "As palavras não são de ninguém", Bakhtin sugere que as palavras não têm dono exclusivo. O filósofo russo argumenta que as palavras são instrumentos de comunicação e expressão que pertencem a todos e têm o poder de transmitir uma variedade de significados e de perspectivas. Já no trecho "podem abastecer qualquer falante de os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes", indica a possibilidade de serem usadas para expressar uma ampla gama de pontos de vista, valores e perspectivas, inclusive aquelas que são completamente opostas entre si. Neste sentido, o discurso inaugural de Bolsonaro em Davos, em 2019, revela uma abordagem pragmática e pretensamente desideologizada em relação às relações internacionais do Brasil, mas esconde uma ideologia implícita que valoriza a ordem e a segurança em detrimento da liberdade e dos direitos individuais. Essa ideologia refletiu-se nas ações do governo Bolsonaro e gerou críticas e preocupações por parte de diversos setores da sociedade.

Retomando as questões norteadoras deste texto, no que se refere aos aspectos ideológicos e pragmáticos subjacentes ao discurso inaugural do então presidente em Davos, à luz da ADD, e à influência discursiva na construção de percepções internacionais, podemos destacar que, conforme apresentado ao longo do estudo, a prática negacionista do chefe de Estado não se limitou ao discurso em tela. Antes, esteve enraizada em sua persona política, especialmente no negacionismo/revisionismo ideológico da ditadura brasileira.

Essa posição se manifestou de maneira dramática durante a pandemia de COVID-19, resultando numa "lógica de negação" que permeou diversas esferas governamentais. O negacionismo como estratégia político-discursiva gerou consequências significativas no âmbito internacional. Bolsonaro enfrentou críticas e até mesmo isolamento diplomático devido à sua abordagem em relação à pandemia e ao meio ambiente. Sua negação das mudanças climáticas também atrasou a agenda ambiental do Brasil, prejudicando acordos internacionais. Além disso, a imagem da nação no mercado internacional foi prejudicada, afetando a confiança de investidores e de parceiros comerciais.

Ademais, dificultou a cooperação internacional em áreas como saúde pública e meio ambiente, prejudicando o país em iniciativas conjuntas de combate a crises globais. Como resultado, a imagem



internacional do Brasil foi fragilizada, reduzindo sua capacidade de influenciar decisões importantes em fóruns internacionais e diminuindo sua relevância geopolítica. Esses aspectos ideológicos e pragmáticos, evidenciados no discurso de Bolsonaro em Davos e em suas políticas subsequentes, puderam moldar as percepções internacionais a respeito do Brasil.

Quanto à segunda questão norteadora, “qual é o papel da análise da língua(gem), via prática discursiva, na construção e na perpetuação de ideologias políticas, e como a ADD pode contribuir com uma compreensão mais profunda das estratégias discursivas adotadas por agentes políticos em contextos internacionais?”, interpretamos que a análise da língua(gem) por meio da prática discursiva desempenha um papel fundamental na construção e na perpetuação de ideologias políticas. As estratégias discursivas adotadas por agentes políticos em contextos internacionais são cruciais para compreender como essas ideologias são manifestadas e disseminadas. No caso específico do discurso internacional de Bolsonaro em tela, em que ele defende uma PEB aparentemente pragmática e desideologizada, esconde uma ideologia implícita que valoriza a ordem e a segurança em detrimento da liberdade e dos direitos individuais.

Portanto, a ADD pôde contribuir significativamente para uma compreensão mais aprofundada dessas estratégias discursivas. Ao examinar o pronunciamento de Bolsonaro e outras vozes políticas, a ADD pôde revelar o que está oculto sob a aparência de desideologização. Por exemplo, ao destacar o negacionismo como uma estratégia discursiva, a ADD pode explicitar o viés ideológico subjacente ao discurso de Bolsonaro que se pretendia que fosse despolitizado.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **O Freudismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2013.

BARROS, R. Y. V. “A política externa brasileira atual em tempos de pandemia: retrocessos e consequências para o Brasil do futuro”. **Revista Ensaios de Geografia**, vol. 5, n. 9, 2020.

BRAIT, B. “Análise e teoria do discurso”. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2006a.

BRAIT, B. “Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise”. **Gragoatá**, n. 20, 2006b.



BRENNAND, E. G. G. “Prefácio”. *In*: BRENNAND, E. G. G. **Professor, cadê o link?**: dossiê ensino remoto emergencial. São Paulo: Editora Mentis Abertas, 2022.

BRUM, E. “O homem mediano assume o poder: o que significa transformar o ordinário em “mito” e dar a ele o Governo do país?”. **El País** [2019]. Disponível em: <www.elpais.com>. Acesso em: 28/03/2024.

CAMAROTTO, M. “Politização no Itamaraty isola o país no exterior: Relações Exteriores e Meio-Ambiente são foco do quarto balanço do Valor sobre atual governo”. **Valor** [2022]. Disponível em: <www.valor.globo.com>. Acesso em: 21/04/2024.

CHAUI, M. S. “Ideologia e educação”. **Educação e Pesquisa**, vol. 42, 2016.

CHAUI, M. S. **A ideologia da competência**. São Paulo: Editora Autêntica, 2014.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. “Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa”. **Revista da ABRALIN**, vol. 20, n. 2, 2021.

DÍAZ-CABAL, N. F. “Critical Discourse Analysis: a Quantitative Research Design”. **Voice of Research**, vol. 12, n. 1, 2023.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HIRST, M.; MACIEL, T. “A política externa do Brasil nos tempos do governo Bolsonaro”. **SciELO Preprints** [2022]. Disponível em: <www.scielo.org>. Acesso em: 23/02/2024.

LIMA, A. “Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco”. *In*: BRAIT, B. **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Editora Terracota, 2014.

MACÊDO JÚNIOR, A. M.; *et al.* “O discurso negacionista no desgoverno Bolsonaro como ‘influenciador’ da mortalidade pela Covid-19: um paralelo entre a biopolítica e a necropolítica”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 45, 2023.

MIOTELLO, V. “Ideologia”. *In*: BRAIT, B. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

NASCIMENTO, L. *et al.* “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. **Plural**, vol. 25, n. 1, 2018.

NOBRE, M. “Bolsonaro”. *In*: SZWAKO, J.; LUIZ, J. **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Editora Cepe, 2022.

ROUSSO, H. “Foreword”. *In*: GUDONIS, M.; JONES, B. T. **History in a post-truth world**: theory and praxis. New York: Routledge, 2020.

SARAIVA, M. G.; SILVA, Á. V. C. “Ideologia e pragmatismo na política externa de Jair Bolsonaro”. **Relações Internacionais**, n. 64, 2019.

SCHWARCZ, L. M. “Questão racial no Brasil”. *In*: SCHWARCZ, L. M.; REIS, L. V. S. **Negras imagens**. São Paulo: Editora da USP, 1996.



SCHWARCZ, L. M. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Editora Cia das Letras, 1993.

SILVA, C. A. F.; BAMPI, A. C. “A extrema direita e os impactos socioterritoriais da antipolítica bolsonarista”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 17, 2024.

SILVA, M. G. “Governo Bolsonaro: notas para um balanço histórico e político” **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 11, n. 32, 2022.

SOUZA, F. M. *et al.* “O viés ideológico deixará de existir?: nas trilhas do discurso da política externa brasileira”. **Letra Magna**, vol. 24, 2020.

SOUZA, F. M. **Um estudo dialógico de enunciados concretos do discurso da política externa brasileira (2019)** (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). João Pessoa: UEPB, 2023.

SOUZA, F. M.; MELO, F., NOGUEIRA, S. G. “Constituindo as bases para uma análise dialógica do discurso político”. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, vol. 23, n. 1, 2023a.

SOUZA, F. M.; MELO, F.; NOGUEIRA, S. G. **Discurso da política externa brasileira em tempos de Bolsonaro e Araújo**. São Paulo: Editora Mentis Abertas, 2023b.

SZWAKO, J.; RATTON, J. L. (org.) **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: Editora Cepe, 2022.

VALIM, P.; AVELAR, A. S. “Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais”. **Revista Cult**, vol. 3, 2020.

VALIM, P.; AVELAR, A. S.; BEVERNAGE, B. “Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa”. **Revista Brasileira de História**, vol. 41, n. 87, 2021.

VALLS PEREIRA, L.; HIRST, M. “Making sense of United States-Brazil relations under Bolsonaro”. **Latin American Policy**, vol. 13, 2022.

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano VI | Volume 18 | Nº 52 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima